

A AUSÊNCIA DA CRIANÇA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A ESCOLA: UM ESTUDO DE CASO

BATISTA, Ezir Mafra – UFSC

GT: Formação de Professores / n.08

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar como a produção acadêmica tem se pronunciado sobre as categorias escola e criança, temáticas essas que atravessam o campo da formação de professores, tanto no plano empírico, quanto no plano investigativo. Analisou-se a produção acadêmica de um Programa de Pós-Graduação de uma universidade pública da região sul do país, particularmente as dissertações defendidas no período de 1984 a 2000.

Considerando que grande parte da produção acadêmica nacional na área educacional se origina dos cursos de pós-graduação, o estudo da produção acadêmica de um curso com mais de 25 anos de história permite acompanhar o caminho percorrido na área, ao mesmo tempo que possibilita identificar pontos de convergência e divergência com relação à realidade do resto do país.

A relevância de um trabalho nesta perspectiva está em examinar os processos e produtos da atividade científica. Partimos do pressuposto que o papel da universidade é contribuir na produção de um conhecimento que seja por definição rigoroso e, para tal, deve ser explícito. Torna-se, assim, imprescindível que a mesma realize o seu traço mais distintivo na prática científica, conforme esclarece Canário (1996, p.147): “a sua capacidade para, de forma permanente, explicitar o que faz, por que faz, questionando sistematicamente seus modos de fazer”.

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo exploratório, de caráter bibliográfico, cujo universo, inicialmente, foi o total de 279 dissertações defendidas durante os 16 anos estudados, entre 1984 e 2000.

Compôs-se uma amostra¹ de 151 dissertações, que refletiam as diferentes formas com que a instituição escolar aparece nas pesquisas. A análise das mesmas foi realizada por meio dos resumos e das palavras-chave que permitiram evidenciar quais linhas de investigação² têm se remetido a esta problemática e com que frequência o fazem. Foi também possível perceber os focos temáticos relativos à instituição escolar.

Um aspecto interessante da análise se refere à definição de palavras-chave: a análise do material permite identificar a diversidade de temas e perspectivas presentes nas diferentes linhas, o que indica a fragmentação da produção, fenômeno já revelado por Warde (1993) ao analisar a produção discente dos programas de pós-graduação no país, no período de 1982-1991. Segundo a autora, tal fragmentação reflete-se na enorme dispersão temática das dissertações e teses em educação, considerando que identificou 16 grupos temáticos, subdivididos em vários sub-itens cada um. Um aspecto marcante desta produção é a preferência por assuntos de caráter pedagógico, o que se reflete também no Programa estudado. Considerando as duas linhas de pesquisa com maior número de trabalhos selecionados, verificamos que as palavras-chave que aparecem com maior frequência na primeira delas são: escola, educação, ensino e formação de professores; já na outra linha, as palavras-chave que predominam são: ensino de, educação, conhecimento/epistemologia e prática pedagógica/ação docente.

2 INDICADORES TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A CATEGORIA ESCOLA

Em um segundo momento do percurso da pesquisa, aprofundou-se a análise das dissertações, tendo como critério de seleção da amostra, as dissertações que definiram o termo escola dentre suas palavras-chave, independentemente de qual das linhas de pesquisa elas se encontravam. Tal critério fundamenta-se no destaque que o próprio autor dá ao termo ao definir a escola como um dos pontos centrais de sua

¹ Tendo em vista a seleção daquelas pesquisas que estudam a instituição escolar, foram adotados os seguintes critérios: pesquisas realizadas na escola; pesquisas que versam sobre as disciplinas escolares (sua história ou ensino de); pesquisadores que incluem “escola” entre as palavras-chave; pesquisas que tratam de diferentes níveis de ensino; pesquisas que discutem diversos aspectos da organização e funcionamento das escolas; se o autor faz referência explícita à possibilidade de seu trabalho ter intervenção na instituição escolar (atual ou futura); pesquisas que analisam o trabalho dos participantes da instituição escolar (professor, orientador, educacional, supervisor, diretor etc); pesquisas que abordam a formação de professores ou educação continuada para os professores.

² O referido Programa está organizado em frentes de investigação, denominadas linhas de pesquisa.

investigação. Assim, do total de 151 dissertações, selecionamos 31 destas, tendo como objetivo investigar como o autor trabalhou com os seguintes elementos: a construção do objeto de pesquisa; a concepção de escola; a relação estabelecida entre o tema específico da pesquisa e a totalidade da escola; e os níveis de articulações presentes no estudo.

Na busca de tais aspectos, foram realizadas as análises do resumo, da introdução, do capítulo referente à metodologia e das conclusões de cada trabalho, procurando conhecer mais detidamente os objetos de estudo de cada dissertação, ou seja, a “porta de acesso” que cada autor utilizou para compreender a escola. Neste processo, identificou-se quais “lentes” esses pesquisadores se propuseram utilizar: lentes que possibilitam uma investigação de processos internos à instituição escolar e/ou lentes que permitem o estudo das questões sociais e políticas que influenciam a educação escolar.

Apesar de ter sido realizado um número considerável de pesquisas sobre a escola, em 54% do total das dissertações defendidas no período, permanece a impressão de que pouco se conhece/escreve sobre essa instituição. Um termo que expressa com propriedade essa situação é a “quase invisibilidade” da escola, utilizado por Lima (1996, p.31) ao analisar as investigações portuguesas sobre a escola. A maior parte dos trabalhos analisava aspectos mais amplos do sistema escolar, sendo suas análises classificadas de macrosociais. Aspectos internos a essa realidade, denominados microsociais, também foram estudados, no entanto, não é clara a compreensão de que essa instituição compõe uma totalidade que precisa ser investigada em suas complexas relações.

Embora fossem discutidos na produção discente vários aspectos que dizem respeito à escola, esta não era revelada em sua totalidade e complexidade. Percebe-se aí a fragmentação da análise sobre o objeto de estudo que é a escola, já que a tendência predominante nas pesquisas era a de fixar-se em apenas um de seus aspectos e não buscar compreender a trama de relações em que esse aspecto está envolvido. Em outras palavras, a relação entre o todo e a parte não se estabelece.

Desta forma, verificou-se que 30% das pesquisas que integram a amostra permanecem presas à porta de acesso, realizando análises polarizadas: no nível macrosocial, quando partem de questões mais amplas; ou, no nível microsociais, quando tratam de questões específicas do domínio escolar. Contudo, é interessante constatar que no âmbito em que estas pesquisas permanecem, há a tentativa de

estabelecer relações para a compreensão do fenômeno. Constatou-se, no entanto, que 70% das dissertações, independentemente da “porta de acesso” que cada autor utilizou para compreender a escola, propuseram-se a realizar uma interação entre os níveis microssocial e macrossocial, alçando-se a uma abordagem mesossocial³. Embora seja significativa a quantidade de dissertações que se propõem a realizar um estudo que supere o antagonismo metodológico entre as abordagens microestrutural e macroestrutural, na maioria das dissertações analisadas este movimento teórico parece inconsistente, sobretudo nos estudos mais recentes.

A necessidade de superar a lacuna entre as abordagens macrossocial e microssocial, isto é, ultrapassar a polarização existente na trajetória da pesquisa educacional é uma questão clássica no estudo dos fenômenos educacionais, seja em função do direcionamento de um olhar panorâmico, que privilegia a observação das relações entre as estruturas mais gerais da vida social; ou pela exclusividade de um enfoque nas relações entre os indivíduos, numa visão próxima ou “de dentro”.

Assim sendo, a escola tradicionalmente tem sido vista de modo fragmentado na produção acadêmica: no ensino, nas disciplinas escolares, nas questões administrativas, no aluno que aprende e no professor que ensina. Segundo Canário (op.cit.), conceber a escola como um objeto de estudo, para além de um objeto social, permite instituir análises sobre várias perspectivas e “portas de entrada” propostas pelos pesquisadores, ao mesmo tempo que possibilita perceber a realidade escolar em suas várias dimensões e em sua dinamicidade, relacionando aquilo que lhe é interno e específico às questões mais amplas e externas à instituição.

Visando contextualizar estes dados, realizou-se uma entrevista com uma das professoras mais antigas do Programa, buscando identificar as condições históricas em que se deu essa produção, compreendida entre os anos 1980 e 1990.

A década de 1980 foi um período de afirmação contínua do caráter reprodutor da instituição escolar, mas também havia vozes que apontavam a possibilidade de contradição presente na escola. Uma marca na formação de uma significativa parcela dos professores de uma das linhas de pesquisa foi a experiência de doutoramento em um Programa Pós-Graduação na cidade de São Paulo, o que permitiu o acesso a autores com Gramsci, Snyders e Saviani, este último, um dos representantes

³ Referência teórico-metodológica proposta por Canário (1996) que se pretende a evidenciar as relações entre o todo e as partes do objeto de pesquisa por meio da interação entre os níveis microssocial e

da chamada Pedagogia Crítica dos Conteúdos. Nesta direção, o debate não se limitava à constatação da característica reprodutora da escola (via conteúdos, relações de poder, etc.), mas evidenciava outro aspecto da instituição escolar: a contradição, possibilidade esta de superação. Nem sempre, no entanto, tal compreensão refletiu-se na produção discente, ou seja, a apropriação das orientações recebidas repercutia de diferentes maneiras nos trabalhos realizados.

As duas linhas de investigação que foram constituídas no início do Programa que trabalhavam questões relativas ao ensino, naquele momento concebiam que este era o caráter primordial da instituição escolar, ou seja, pesquisar o ensino era necessariamente pesquisar a escola. A diferença entre as duas linhas, no entanto, acontecia pela concepção teórico-metodológica distinta de abordar o ensino, o que refletia o percurso histórico de cada área: uma abordagem mais positivista, tradicional no ensino de ciências; e uma perspectiva materialista dialética que se tornava hegemônica no discurso educacional da década de 1980. Já os processos educacionais mais amplos, exteriores à escola, encontravam espaço privilegiado de estudo nas demais linhas.

Nas produções desenvolvidas nas décadas de 1980/1990, a referência de compreensão da escola “em sua totalidade” ocorria em pesquisas envolvidas com gestão escolar / projeto político pedagógico. A leitura da escola, isto é, o modo de acessá-la como objeto de pesquisa, ficava restrita às condições do discente, uma vez que as discussões presentes no Programa não auxiliavam na superação da polêmica macrossocial e microssocial, ou seja, aspectos sociais mais amplos *versus* aspectos internos à realidade escolar. Assim, como já salientado anteriormente, embora fossem discutidas várias dimensões da realidade escolar, esta não é revelada em sua totalidade e complexidade, pois a análise não toma como objeto a trama de relações entre os diferentes aspectos.

Entretanto, superar este hiato histórico na produção do conhecimento requer cultura teórica – produção do conhecimento sólida cujo fundamento seja consistente e amplo – direcionada por uma concepção rigorosa que permita ao pesquisador estabelecer um panorama de estratégias pertinentes ao conhecimento do objeto de pesquisa e do campo no qual está inserido. Somente desta maneira será possível

macrossocial. Compreende-se que encerrar a análise a um destes pólos impossibilita uma compreensão mais efetiva da realidade educacional.

reconhecer “o caráter definidor de algumas circunstâncias macrossociais sobre interações microssociais” (Brandão, 2002, p.98).

Nesta direção, compreendemos a escola como uma “organização social complexa”⁴, considerada em seus múltiplos modos de atuação, seja como reprodutora da organização social que garante a permanência das relações de poder presentes na hierarquização social, seja como espaço possível para repensar tais relações, gerando estratégias de transformação. Nesta percepção, os sujeitos são considerados como atores na construção da vida social, marcados pelo momento histórico em que vivem, ao mesmo tempo que são indivíduos repletos de desejos, valores, afetos: crianças e adultos considerados para além de seus papéis de alunos e professores.

3 INDICADORES TEÓRICO-METODOLÓGICOS SOBRE A CATEGORIA CRIANÇA

No presente trabalho, aprofundamos a análise das produções discentes que abordam os diversos aspectos da instituição escolar, explorando como estes estudos acessam seus atores sociais, especialmente a criança. O interesse sobre este aspecto singular emergiu durante o processo de revisão e análise das dissertações, quando se observou que uma das diferenças marcantes na construção das dissertações se encontra, não somente no nível das análises - macrossocial, microssocial ou mesossocial - mas nos diferentes modos de abranger a escola, bem como no grau de pertinência de seus atores sociais ao quadro de referência da pesquisa⁵. Tal inquietação vai ao encontro da articulação proposta por Quinteiro (2001): a necessidade de compreender o modo como as pesquisas colocam o foco de suas análises na criança que está no aluno/aluna.

Ao investigar como a produção discente sobre a escola tem considerado os atores sociais nela existentes, mais detidamente a criança, consideramos esta na sua condição de sujeito histórico, que produz cultura, que possui voz e intenções, mas que, no âmbito da prática escolar e das pesquisas, permanece “presa” ao rótulo de aluno/aluna, impossibilitando que seja observada “por inteiro”, como sujeito singular,

⁴ Conceito elaborado e discutido em TRAGTENBERG, Maurício. A escola como organização complexa. In: _____. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Autores Associados e Cortez, 1986.

⁵ Estabelecimento, por parte do pesquisador, dos principais elementos que estão envolvidos no fenômeno estudado.

tecida pelas tramas do contexto, sendo ao mesmo tempo ativa e criativa nesse processo (Kramer e Leite, 2001).

Aprofundando nossa análise sobre os trabalhos que citam em seus resumos os termos aluno/aluna(s) de 1ª a 8ª séries, criança(s) e adolescente(s), procuramos compreender como os pesquisadores acessam estes sujeitos, e se realmente eles foram ouvidos. Para tanto, acessamos as dissertações e analisamos os capítulos introdutórios e os capítulos em que constam o recolhimento das vozes desses atores sociais.

Ao analisarmos quais os sujeitos acessados no processo da pesquisa, constatamos em nossa amostra que os sujeitos que possuem o direito à palavra neste âmbito científico são os adultos, 50%, semelhante às práticas da sociedade em que vivemos, onde o direito à participação, de ser consultado e ouvido, quando respeitado, é dirigido aqueles considerados “competentes”. Somente 8% “potencialmente” acessam crianças e adolescentes. Sendo que os demais 42% não acessam os atores sociais, tendo como foco de suas pesquisas outras dimensões.

É interessante constatar também a preponderância, dentre as pesquisas que acessam os atores sociais, da solicitação, ou melhor, da consulta exclusiva aos professores, seja por questionários, entrevistas e/ou observação (53%). É no restrito domínio das pesquisas que se propõe a ouvir e/ou observar alunos e professores (21%) que percebemos o ensaio em ouvir a criança, aluno/aluna de 1ª a 8ª séries; enquanto os demais trabalhos (26%) acessam os alunos jovens e outros adultos envolvidos no âmbito escolar. Não queremos realizar aqui uma análise polarizada, subjugando uma categoria em detrimento de outra. Trata-se de atentarmos para o acanhado número de pesquisas que acessam as vozes infantis, considerando as crianças como informantes capazes de participar. Entretanto, para conceber a criança desta maneira, seria necessário revolucionarmos a concepção vigente de infância: que indica “uma condição social subalterna, que nos remete à acepção de grande e pequeno e que se refere à hierarquias de poder mais dos que às de idade” (Pancera, 1994, p.100).

Sabemos que a proposição da revolução do olhar sobre a infância é historicamente recente. Contudo, cabe destacar a imprescindível necessidade de serem construídas no interior dos Programas de Pós-Graduação estratégias de pesquisa que promovam a infância como construção social e as crianças como atores sociais ativos e competentes, que possuem uma visão singular e significativa para a compreensão do contexto escolar.

Nesta direção, o estudo desenvolvido por Brzezinsk e Garrido (2001) aponta como uma das lacunas presentes no campo da formação dos professores a rara presença das vozes dos alunos, assim como destacam que “nada se estudou a respeito do que os alunos esperam da escola” (Brzezinsk e Garrido, 2001, p.95).

De modo geral, as pesquisas que acessam crianças e adolescentes⁶ fundamentalmente procuram-nas pela função que exercem no interior da instituição escolar: o papel de alunos/alunas. Destes, a problematização dos dados com relação a ouvir estes sujeitos pareceu-nos incipiente, bem como o preparo metodológico presente nas investigações. É comum nesta amostra a preponderância da busca pelos aspectos cognitivos sobre outros saberes e informações que esses sujeitos têm a declarar, buscando identificar indicativos metodológicos para se elaborar a melhor forma de organizar o ensino.

Apenas um trabalho propõe a reflexão do fazer pedagógico a partir da participação ativa dos alunos. Nele, há pouquíssimos depoimentos dos atores sociais, principalmente das crianças. É provável que seus referenciais teóricos o permitiram perceber a legitimidade da questão. Contudo, não garantiram estratégias de pesquisa que favorecessem a participação das crianças com maior eficácia na construção da pesquisa.

Embora em reduzido número, 3% das investigações sobre a escola, totalizando cinco dissertações, ouviram as crianças e os adolescentes, alunas e alunos de 1ª a 8ª séries. Dois destes, recolhem as vozes de crianças, enquanto os outros três preocupam-se com a fala dos adolescentes. Observando estes trabalhos, percebemos o processo inicial de compreender os planos microestruturais e macroestruturais, sem ignorar a relação dialética entre os atores sociais, possibilitando buscar dentro da escola o que lhe é específico, sem negligenciar o indivíduo e o social.

Tais pesquisadores manifestaram como motivo da opção de ouvir estes sujeitos a ausência histórica de uma “escuta atenta” dessas vozes, justificando a relevância desta perspectiva no âmbito da pesquisa. Um dos trabalhos, que investiga a escola sob o olhar dos adolescentes explicita:

A decisão de partir dos olhares e das vivências dos adolescentes para compreender a escola, deu-se pelo fato de que estes são pouco ouvidos nesse espaço educativo e se encontram ausente na maioria das pesquisas sobre esse tema (Silva⁷, 1999, p. 04).

⁶ De acordo com artigo 2º da Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente, entende-se por adolescentes “pessoas entre doze e dezoito anos de idade”.

Outro estudo, sobre adolescentes que enfrentaram o fracasso escolar, destaca:

A maioria dos trabalhos sobre o primeiro grau são produtos de pesquisas e reflexões dos profissionais das universidades. O fracasso escolar no Brasil vem sendo discutido quase sempre a partir da ótica da escola, a partir do olhar e das falas de uma parte dos seus atores, mais precisamente de alguns profissionais da educação. (...) São os adultos, a partir de suas concepções de mundo, que procuram explicar o que se passa dentro da escola (Dolzan⁸, 1998, p. 01).

4 À GUIA DAS CONSIDERAÇÕES

As dissertações que recolheram as vozes infantis, embora poucas e com objetos de investigação distintos, manifestaram a compreensão de que acessar este sujeito de pouca idade – a criança – permitia desvelar um contexto sócio-cultural ainda não trabalhado, em razão do universo restrito de pesquisas na área da educação que possibilitam a manifestação das vozes infantis. Outra constatação que merece atenção é que os autores que acessaram as crianças propuseram-se a tratar a transcrição dos termos e significados colocados por elas do modo mais fiel possível.

Embora não tenhamos alcançado, neste momento, uma análise mais aprofundada sobre o modo como as pesquisas colocam o foco de suas análises na criança que está no aluno/aluna, permanece a impressão de que no âmbito educacional pouco se conhece sobre o ser social concreto, complexo e dinâmico que é a criança, detendo-se na imagem do aluno, em seus problemas e dificuldades. Assim sendo, parece-nos que apenas uma imagem da criança é considerada nas produções discentes do Programa em estudo: a criança em seu ofício de aluno/aluna. Tal inferência refere-se ao fato de que temos historicamente⁹ preconizado a educação escolar em detrimento do sujeito desta educação, e quando nos referimos a ele, designamos: aluno.

A perspectiva aqui abordada, inquietou-nos sobre a necessidade de ampliar a visão sobre a relação entre escola e criança, revendo concepções presentes neste processo. Nesta direção, algumas questões se colocam: qual o lugar designado à criança,

⁷ DOLZAN, Cecília. **Falando e aprendendo: reflexões sobre a alfabetização de multirrepentes a partir da linguagem**. Dissertação de Mestrado. 1998. Observação: o local e a instituição não foram descritos visando manter o critério de sigilo.

⁸ SILVA, Solange Cristina da. **À rua da escola: estudo de significados construídos por adolescentes abrigados**. Dissertação de Mestrado. 1999. Observação: o local e a instituição não foram descritos visando manter o critério de sigilo.

sua importância e contexto em nossa sociedade? Como a história apresenta a conexão entre os contornos da infância e os contornos da educação?

Ao fim deste trabalho percebemos como a análise sobre a produção acadêmica, por meio da investigação sistemática, até mesmo sobre a mesma amostra, poderá apresentar outras perspectivas aqui não exploradas, potencializando a descoberta dos limites e possibilidades do campo, na busca constante pelo rigor e qualidade dos processos e produtos da atividade científica, situando marcos de referência e identificando as pautas por meio das quais o debate tem se estabelecido.

⁹ Sobre este aspecto consultar BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMANN JR, Moisés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes. In: FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMANN JR, Moysés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRANDÃO, Zaia. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: 1990.

BRZEZINSK, Iria; GARRIDO, Elsa. Análise dos trabalhos do GT Formação de Professores: o que revela as pesquisas do período de 1992-1998. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.18, p. 82-96.set./dez. 2001.

CANÁRIO, Rui. Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Portugal: Porto Editora, 1996. pp.121-147.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferral Pereira (orgs.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

LIMA, Licínio C. Construindo um objecto: para uma análise crítica da investigação portuguesa sobre a escola. In: BARROSO, J. (Org.). **O estudo da escola**. Portugal: Porto Editora, 1996. p.121-147.

PANCERA, Carlo. Semânticas de infância. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, n.22, pp. 97-104, ago./dez. 1994.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: XXIV Reunião da ANPEd. Caxambu, MG: 2001. **Anped - 25 anos**. Caxambu, MG: 2001. 1CD ROM

TRAGTENBERG, Maurício. A escola como organização complexa. In: _____. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Autores Associados e Cortez, 1986.

WARDE, Mirian J. A produção discente dos programas de pós-graduação em educação no Brasil (1982-1991): avaliação e perspectivas. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Avaliação e perspectivas na área de educação 1982-1991**. Porto Alegre: ANPED, 1993.